

A Fonologia Faz Parte da Gramática de uma Língua?

Is Phonology part of the grammar of a language?

Eliane Nowinski da Rosa¹

Resumo: De acordo com a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 2013), no momento em que um indivíduo fala, a língua é considerada um mecanismo que serve para ligar significado ao som, cujo objetivo é fornecer aos seus usuários a oportunidade de trocar ideias por meio de uma sequência de sons. Isso revela que a fonologia (conhecimento do sistema sonoro de uma língua) faz parte da gramática de uma língua. Uma vez que a Gramática Cognitiva concebe as unidades básicas da língua como pareamentos de forma (som) e significado, o presente artigo busca instigar não só uma reflexão a respeito do assunto, bem como a realização de futuras pesquisas sobre o papel do estudo da fonologia no ensino básico, incluindo suas contribuições e impactos.

Palavras-chave: Fonologia; gramática; língua.

Abstract: According to Cognitive Grammar (LANGACKER, 1987, 2013), when a person speaks, a language is considered a device which is employed to link meaning with sound, whose aim is to provide speakers the opportunity of exchanging ideas through a sequence of sounds. It reveals that phonology (the knowledge of a language sound system) makes part of the grammar of a language. Since Cognitive Grammar conceives the basic units of language as pairings of form (sound) and meaning, this article seeks to instigate not only the reflection on the issue, but also the development of future researches on the role of the study of phonology in basic education, including its contributions and impacts.

Keywords: Phonology; grammar; language.

Introdução

A Gramática Cognitiva de Langacker (1987) surgiu em reação ao modelo teórico proposto pelo linguista americano Noam Chomsky (1957; 1965). De acordo com Taylor (2002), havia um forte sentimento de descontentamento entre os estudiosos na época em função de o modelo gerativo estar se tornando cada vez mais abstrato e se afastando da experiência cotidiana dos falantes no que concerne ao conceito e ao uso da língua. Como resultado, surgiu a necessidade de uma nova abordagem teórica. Em virtude da necessidade de dar um novo “olhar” para investigação da estrutura e do funcionamento da(s) língua(s), Langacker propôs um

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada (Unisinos), mestra em Fonologia e Morfologia (UFRGS), especialista em Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa (Uniritter) e graduada em Letras-Licenciatura Plena em Língua Inglesa (Ulbra). E-mail: elianedr19@gmail.com. ORCID <http://orcid.org/0000-0001-8940-5976>.

modelo de gramática intitulado “Gramática Cognitiva”. Esta, por sua vez, assume que a língua evoca outros sistemas cognitivos e que precisa ser descrita como uma faceta integral da organização psicológica geral. Segundo Langacker (1988), a gramática de uma língua não é gerativa, nem construtiva, já que as expressões de uma língua não constituem um conjunto bem definido e algoritmicamente computável. Na opinião do linguista, a gramática de uma língua apenas fornece a seus falantes um inventário de recursos simbólicos, logo, usar tais recursos para construir e avaliar expressões apropriadas é algo que os falantes fazem e não as gramáticas por causa das suas habilidades gerais de categorização e resolução de problemas (LANGACKER, 1988). Para esse modelo, a língua demanda ser estudada dentro de seu contexto de uso em razão da sua estrutura emergir da interação sociocultural.

Visto que o conhecimento do sistema sonoro de uma língua é de suma importância para a sua aprendizagem (seja para a alfabetização, seja para a interação comunicativa) e que a Gramática Cognitiva prevê que as unidades básicas de uma língua são pareamentos de forma (som) e significado, o presente artigo busca explicar como essa teoria se organiza a fim de demonstrar que a fonologia requer ser abordada nas aulas de língua(s). Levando em consideração que o ensino dos sons e da prosódia de uma língua é bastante negligenciado no contexto de sala de aula, espera-se instigar, nos docentes, um outro olhar para esse aspecto no tocante ao ensino de língua(s).

A Gramática Cognitiva

A Gramática Cognitiva tem sido desenvolvida desde a década de 1970. Por ser uma teoria da gramática, ela busca compreender a natureza da gramática e sua relação com outras dimensões da estrutura linguística. A principal premissa da teoria langackeriana é a de que a gramática é simbólica por natureza. Isso sugere que o léxico, a morfologia e a sintaxe formam um *continuum* dividido apenas arbitrariamente em componentes discretos (LANGACKER, 1987, 2003, 2019), isto é, o léxico e a gramática são amplamente descritíveis como assembleias de estruturas linguísticas. Consequentemente, a descrição de estruturas, padrões e restrições gramaticais

requer apenas elementos simbólicos (pareamentos entre estruturas semânticas e fonológicas) conforme defende Langacker (1995).

Isto apresenta várias consequências. Primeira, a gramática não é distinta da semântica, mas sim incorpora a semântica como um de seus dois polos. Segunda, a descrição gramatical não se baseia apenas em primitivos gramaticais especiais irreduzíveis, mas somente em estruturas simbólicas, cada uma reduzível ao pareamento de forma-significado. Terceira, cada construção validamente proposta na descrição gramatical tem um polo semântico e é, portanto, significativa (embora os significados sejam frequentemente bastante esquemáticos) (LANGACKER, 2003, p. 42).²

Já que a língua se compõe de apenas três tipos de estruturas (a semântica, a fonológica e a simbólica), isso significa que nada mais além dessas estruturas é preciso para descrever e analisar a estrutura e o funcionamento de uma língua. Esse modelo pressupõe ainda que a linguagem é uma parte integrante da cognição humana, a qual se fundamenta em processos cognitivos, socioculturais e interacionais. Para Langacker (2015 [2010]), é somente por meio da interação sociocultural que a linguagem e a cognição são capazes de se desenvolverem. Ademais, cabe mencionar que, por ser um modelo baseado no uso (LANGACKER, 1987, 1988, 1991, 2000; BARLOW; KEMMER, 2000, TAYLOR, 2002), a Gramática Cognitiva postula que as unidades linguísticas são abstraídas de eventos³ de uso, por isso, a língua demanda ser estudada a partir de seu contexto de uso e com base na experiência sociocultural do falante. Segundo Silva e Batoréo (2010, p. 230), “não há pois lugar para a distinção entre conhecimento e uso da linguagem (ou “competência” e “performance”, em termos generativos), já que o conhecimento de uma língua emerge do uso, traduzindo-se pelo conhecimento de como a língua é usada”.

Na visão langackeriana, a função principal da língua é codificar e externalizar os pensamentos mediante o emprego de símbolos. Estes, por sua vez, são interpretados como “pedaços de língua”, que podem se constituir de subpartes significativas de palavras (morfemas), palavras (itens lexicais), ou sequências de

² Tradução da autora para: “This has several consequences. First, grammar is not distinct from semantics, but rather incorporates semantics as one of its two poles. Second, grammatical description does not rely on special, irreducible grammatical primitives, but only on symbolic structures, each reducible to a form-meaning pairing. Third, every construct validly posited in grammatical description has a semantic pole and is therefore meaningful (though the meanings are often quite schematic)”.

³ Evento trata-se de uma ocorrência cognitiva de qualquer grau de complexidade.

palavras (sentenças). Os símbolos são formados por duas partes que se encontram convencionalmente pareadas entre si: uma parte seria a forma, que pode ser expressa na forma oral, escrita ou visual⁴, e a outra, o significado. Em face disso, a Gramática Cognitiva pressupõe que o léxico, a morfologia e a sintaxe formam um *continuum* composto por assembleias de estruturas simbólicas (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987, 1995, 2017a; TAYLOR, 2002). Tais considerações mostram que a gramática não é um sistema de regras conforme sustenta o modelo chomskyano, mas trata-se de um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais.

O termo “unidade” diz respeito a uma estrutura completamente dominada pelo falante, que é empregada de forma automática, sem a necessidade de ter de refletir e focar a atenção em suas partes individuais ou organização. Em razão disso, a unidade é tomada como uma rotina cognitiva. Independente do seu tamanho, a unidade é vista como uma rotina de processamento evocada e executada como uma unidade pré-embalada. Essa atividade pode ser constatada em diferentes níveis: neural (ativação e inibição), psicológico (aprendizado e manipulação de elementos linguísticos) e interativo (uso da língua em contexto) (LANGACKER, 2019). Quanto ao inventário ser “estruturado”, isso se deve ao fato de algumas unidades funcionarem como componentes de outras, isto é, essas unidades se associam umas as outras de várias formas (sobreposição, inclusão, simbolização, categorização, integração dentro de unidades de níveis maiores). Por isso, essas unidades podem ser tratadas como sub-rotinas.

Já o termo “inventário” assinala que a gramática não é gerativa, nem construtiva em função de as unidades linguísticas não serem um sistema derivacional autônomo responsável por construir expressões bem formadas, mas serem recursos que os falantes usam para a construção dessas expressões. No tocante à unidade linguística ser “convencional”, isto aponta que alguma coisa é compartilhada e, posteriormente, reconhecida como sendo compartilhada por um número significativo de indivíduos, grupo ou comunidade. Langacker (2007a, p. 424-425) explica que:

[s]aber uma língua é ter dominado um conjunto de habilidades: um vasto número de operações cognitivas, motoras e perceptuais que podem ser recrutadas e executadas juntamente com muitas outras durante a fala e a compreensão [...] Uma determinada estrutura atinge

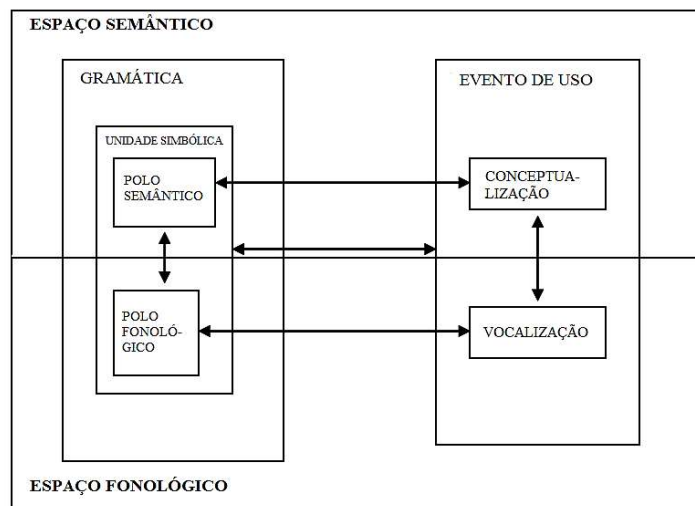
⁴ Refere-se às línguas de sinais.

o status de uma unidade através de um *entrenchamento* psicológico progressivo, que é claramente uma questão de grau. Também pode ser uma questão de grau a *convencionalidade*: quão amplamente uma estrutura é compartilhada entre os falantes (e aceita como tal).⁵

Isso remete à questão de que todo o uso de uma estrutura provoca um impacto positivo em seu grau de consolidação, enquanto períodos longos de desuso exercem um impacto negativo. Mediante seu uso frequente, uma nova estrutura pode se tornar consolidada a ponto de se tornar uma unidade na mente do indivíduo. Em inglês, por exemplo, o pronome objeto “you” (você, te) é mais entrenchado do que “thee” (te, ti) porque o primeiro é mais utilizado pelos falantes nativos do que o segundo, o qual só permanece restrito a textos antigos e religiosos.

No modelo langackeriano, a gramática representa o conhecimento linguístico convencionalizado na mente de um falante, ao passo que o evento de uso refere-se ao enunciado em uma situação de uso real da língua. O evento de uso abrange a vocalização (sons da fala) e a conceptualização (interpretações desses sons), conforme exhibe a Figura 1:

Figura 1. Arquitetura do modelo da Gramática Cognitiva.



Fonte: adaptado de Langacker (1987, p. 77).

⁵ Tradução da autora para: “[k]nowing a language is having mastered a set of skills: a vast number of perceptual, motor, and cognitive operations that can be recruited and executed along with many others in speaking and understanding [...] A particular structure achieves the status of a unit through progressive psychological *entrenchment*, which is clearly a matter of degree. Also a matter of degree is *conventionality*: how widely a structure is shared among speakers (and accepted as such)”.

Para essa teoria, os espaços semântico e fonológico são concebidos como os dois aspectos amplos da organização cognitiva humana. As setas horizontais correspondem às ligações de codificação entre as unidades convencionalizadas do conhecimento linguístico (na mente do indivíduo) e os sistemas conceptuais e vocais com os quais interagem em instâncias de uso linguístico. Já o polo semântico de uma expressão linguística equivale a um conceito, enquanto o polo fonológico, a uma cadeia, ou sequência, de sons. No que tange às setas verticais, estas expressam ligações simbólicas que ligam som e significado de modo a evidenciar uma relação simbólica, na qual o som simboliza o significado (LANGACKER, 1987, 2017a, 2017b). Ademais, pode-se dizer que o significado é equiparado à conceptualização, a qual é interpretada como uma experiência mental no sentido amplo do termo. Para Langacker (1988, p. 50), a experiência mental “abarca tanto conceitos estabelecidos quanto conceitos novos; inclui sensações cinestésicas, emotivas e sensoriais; e se estende a nossa consciência do contexto físico, social e linguístico”⁶. Diante disso, depreende-se que a conceptualização é, na verdade, um processamento cognitivo, ou melhor, uma atividade neurológica. Portanto, ter uma certa experiência mental consiste na ocorrência de algum evento cognitivo complexo, reduzido basicamente a disparos coordenados de neurônios; o que outorga estabelecer que um conceito estabelecido nada mais é do que uma rotina cognitiva (LANGACKER, 1988).

Na concepção langackeriana, o polo semântico equivale a um campo multifacetado de potencial conceptual dentro do qual o pensamento e a conceptualização se desdobram. Por isso, a estrutura semântica é definida como uma configuração no espaço semântico. A estrutura semântica constitui-se, na verdade, do material conceptual da língua, o qual é construído com base na experiência sociocultural do falante. O espaço fonológico, por sua vez, se trata do escopo de potencial fônico, quer dizer, é a capacidade que o indivíduo possui de lidar com sons e com os sons da fala como um caso especial. Na realidade, a estrutura fonológica compõe-se dos aspectos materiais (acústicos e articulatórios) dos sons da fala, da ortografia e dos gestos, os quais são usados pelo falante com o intuito de transmitir uma intenção linguística. Do ponto de vista perceptivo-auditivo e articulatório, isso

⁶ Tradução da autora para: “[...] subsumes both established concepts and novel conceptions; includes sensory, emotive, and kinesthetic sensations; and extends to our awareness of the physical, social, and linguistic context.”

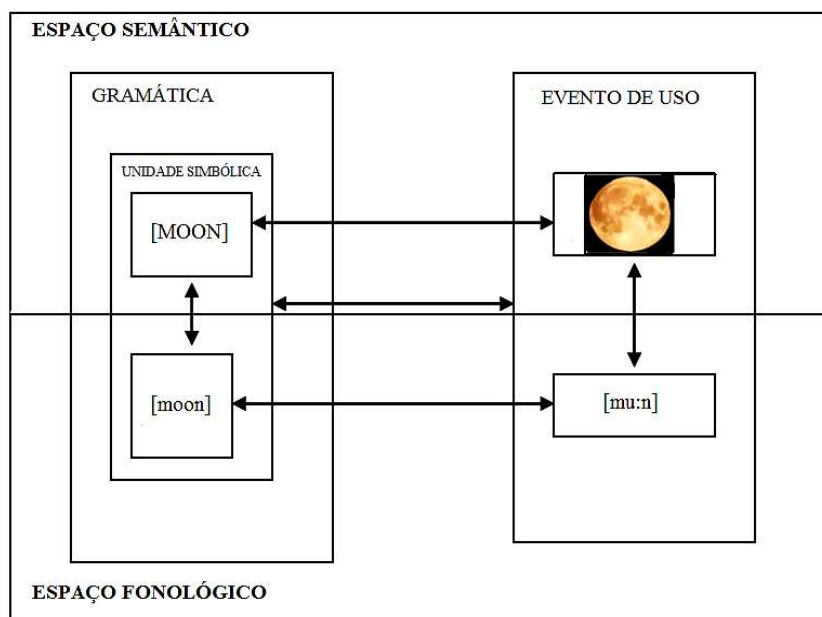
abarca o conteúdo produzido pelo trato vocal transmitido através de ondas acústicas e percebido durante o processo de emissão da fala da parte do falante para o ouvinte. Já do ponto de vista visual, isso engloba o conteúdo expresso por intermédio de movimentos realizados com as mãos ou outras partes do corpo, como no caso das línguas de sinais.

Em virtude de ser o resultado da associação simbólica entre uma estrutura semântica (significado) e uma estrutura fonológica (forma), a unidade simbólica é empregada para representar as estruturas lexical e gramatical. As unidades simbólicas podem ser simples [[BOOK]/[bʊk]] ou complexas [[BOOK]/[bʊk]]-[[SELL]/[sel]]-[[ER]/[ər]]. O morfema é visto como a unidade simbólica mais simples, na qual uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica participam como um todo não passível de ser analisável no que concerne à relação simbólica. As unidades simbólicas básicas se combinam com a finalidade de constituir estruturas simbólicas maiores, as quais também podem ser dominadas como unidades linguísticas. Em função dessa configuração, a gramática passa a ser concebida como um inventário de expressões convencionais.

Langacker (1987) destaca que as unidades simbólicas fornecem os meios necessários para expressar ideias através de uma forma linguística. No instante em a ideia a ser expressa coincide, de maneira aproximada, com a estrutura semântica, nenhum esforço construtivo é exigido para essa atividade. A estrutura semântica aciona a estrutura fonológica na mente, e vice-versa, dado que a relação simbólica entre ambos tem *status* de unidade. Se por acaso, nenhuma unidade apropriada estiver disponível na mente do indivíduo, a sua tarefa será a de encontrar uma nova expressão o que demandará uma espécie de criatividade linguística ou atividade de resolução de problemas. Nessas situações, o falante geralmente organiza uma expressão desejada com base em unidades simbólicas menores. O falante passa, então, a direcionar a sua atenção para cada parte dos componentes escolhidos, além de se cientificar de que é possível combiná-las adequadamente. Cabe lembrar que, devido ao número abrangente de expressões convencionais que um falante pode controlar, a quantidade real de esforço construtivo requerido para uma nova sentença é facilmente exagerada (LANGACKER, 1987). Ademais, é crucial mencionar que fala é frequentemente intercalada com expressões convencionais sobrepostas (de todos

os tipos de tamanhos) de modo que até as sentenças complexas podem ser unidas com o mínimo de esforço e criatividade. Na Figura 2, é possível observar como funciona a representação de uma unidade simbólica na Gramática Cognitiva:

Figura 2. Representação da unidade simbólica.



Fonte: adaptado de Langacker (1987, p. 77).

Nesta configuração, a imagem visual de “moon” corresponde ao conceito [MOON], o qual se situa dentro do polo semântico da unidade simbólica. O polo fonológico, por seu turno, refere-se ao conhecimento do falante acerca da sequência de sons [mu:n], que correspondem ao conceito [MOON]. É válido esclarecer que a imagem não representa um referente particular no mundo, mas a ideia de “moon”. Isso revela que o significado, associado ao som, está conectado a uma representação mental particular denominada “conceito”. Este, por sua vez, é oriundo de percepto, isto é, as diferentes partes do cérebro de um falante percebem o formato, o tamanho, a cor, a composição, o cheiro, entre outras características, de algo com base em suas próprias experiências pessoais. Cabe frisar ainda que essa variedade de informações perceptuais, que emana do mundo externo, encontra-se integrada a uma simples imagem mental (a representação disponível para a consciência do indivíduo), a qual origina o conceito de [MOON]. Quando um indivíduo faz uso da língua para produzir oralmente a forma “moon”, este símbolo corresponde a um significado convencional,

ou melhor, este símbolo não se conecta a um objeto físico no mundo externo, mas a um conceito. Em tal conjuntura, é viável afirmar que o conceito [MOON] está relacionado diretamente a uma categoria de muitas “moons” físicas e imaginárias. No entendimento de Taylor (2002), o conceito é definido, na Gramática Cognitiva, como o princípio organizador que relaciona os vários membros de uma categoria entre si. Em outras palavras, o conceito é um princípio de categorização. Para o estudioso,

[...] [t]er o conceito [ÁRVORE] significa saber o que é “árvore”. Em virtude de possuir o conceito, você é capaz de reconhecer uma “árvore” quando você vê uma, você sabe o que conta como uma “árvore”, e, por conseguinte, é capaz de usar a palavra do objeto apropriadamente. (Você também é capaz de formar uma imagem mental do que pode valer como um exemplo do conceito). Outro aspecto importante de possuir um conceito é que você é capaz de fazer inferências. Se você sabe que algo é uma “árvore”, você pode ter certeza de várias coisas a respeito dela, por exemplo, que ela tem um tronco e galhos, que tem folhas (pelo menos no verão), que cresce fora do solo [...] Todos estes aspectos são, eu diria, parte ou parcela do conceito [ÁRVORE] (TAYLOR, 2002, p. 43).⁷

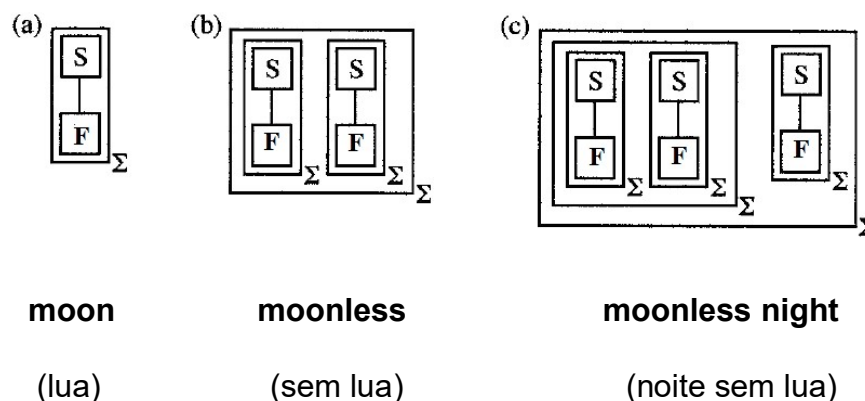
Ademais, cabe destacar que essa visão de conceito abrange nomes de objetos físicos concretos (mesa, carro etc.), nomes de entidades abstratas (alegria, velhice etc.) e vocábulos que pertençam a categorias lexicais como verbos, preposições e adjetivos. Do mesmo modo que o conceito, a forma (ou imagem acústica) igualmente é tomada como um princípio de categorização, isto é, como um princípio de categorização de eventos auditivos e articulatórios a ponto de ser tratada como um tipo de conceito. Conforme Taylor (2002), assim como o conceito [ÁRVORE] não poder ser interpretado como uma imagem na mente do indivíduo, a imagem acústica também não pode ser equiparada a uma gravação de som na mente do falante. Isso evidencia que, da mesma maneira que cada “árvore” possui características que as diferenciam entre si apesar de pertencerem à mesma categoria geral, cada pronúncia da palavra “árvore” também pode ser foneticamente diferente toda vez que ela for

⁷ Tradução da autora para: “To have the concept [TREE] means to know what a tree is. In virtue of having the concept you are able to recognize a tree when you see one, you know what count as a tree, and are therefore able to use the word appropriately of the object. (You also are able to form a mental image of what might count as an instance of the concept). Another important aspect of having a concept is that you are able to draw inferences. If you know that something is a tree you can be pretty sure of various things about it, for example, that it has a trunk and branches, that it has leaves (at least in summer), that it grows out of the ground [...] All these aspects are, I would claim, part and parcel of the concept [TREE]”.

produzida. Neste cenário, pode-se concluir que as suas possíveis pronúncias podem ser consideradas exemplos de [arvorɪ]. O que Taylor (2002, p. 44) quer dizer é que “‘ter’ a imagem acústica [arvorɪ] é saber como a palavra soa e como ela pode ser pronunciada”⁸. No tocante ao símbolo, este é utilizado a fim de designar um conceito, logo, o que torna a relação entre [arvorɪ] e [ÁRVORE] uma relação simbólica é a questão de que um indivíduo usa a forma fonológica [arvorɪ] para expressar um conceito [ÁRVORE] (TAYLOR, 2002). Com isso, é permitido declarar que a forma e o significado se encontram em uma relação de mútua dependência.

Quanto à formação de uma estrutura complexa, esta pode ser representada da seguinte maneira:

Figura 3. Representação da estrutura simbólica complexa.



Fonte: adaptado de LANGACKER (2013, p. 15).

Neste esquema, (a), (b) e (c) correspondem a uma série de expressões como “moon”, “moonless”, e “moonless night” (LANGACKER, 2008, 2013). A estrutura simbólica (Σ) corresponde a uma ligação entre a estrutura semântica (S) e a estrutura fonológica (F), as quais são capazes de se invocarem mutuamente. Langacker (2008, 2013) chama a atenção ao fato de que a formação de estruturas complexas a partir de estruturas mais simples é uma propriedade característica da linguagem humana. Na **Figura 3**, mais especificamente em (c), observa-se duas estruturas simbólicas combinando-se entre si para formar uma estrutura simbólica de nível mais alto, a qual se encontra situada fora da caixa externa. As estruturas de nível mais baixo e de nível

⁸ Tradução da autora para: “To ‘have’ the acoustic image [tri:] is to know what the word sounds like and how it can be pronounced”.

mais alto formam uma assembleia simbólica. Para a teoria langackeriana, uma estrutura simbólica de nível mais alto é em si capaz de entrar em uma relação combinatória e produzir uma assembleia simbólica mais elaborada, conforme demonstra diagrama (c). Em vista desse pareamento de forma-significado (som-significado), todos os elementos e estruturas gramaticais acabam se tornando significativas. Como é de se esperar, todos os níveis da gramática terminam por interagir entre si. É importante salientar que, na concepção langackeriana, as unidades simbólicas podem ser expressas de diferentes formas, tendo em conta que a língua não é baseada apenas nos sons da fala, mas também na escrita e em gestos, como no caso da língua de sinais. Portanto, o polo fonológico pode ser realizado de maneiras diferentes em conformidade com o meio de comunicação adotado.

Partindo do preceito de que a língua é construída através do uso, Langacker (2008, 2013) entende que falar (*talking*) é uma atividade complexa, logo, a língua deve ser vista como algo dinâmico, ou seja, como algo que os falantes fazem, e não possuem. Na concepção do linguista, as várias facetas dessa atividade (como a motora, a perceptual e a mental) são controladas ou constituídas por processamento neural, por isso falar é interpretado como uma atividade cognitiva. Uma vez que a língua é adquirida e utilizada como veículo de comunicação e interação social com outros falantes, a atividade passa a ser considerada, igualmente, como sociocultural por natureza. Em virtude de tal fato, falar passa ser caracterizado como uma atividade cognitivo-sociocultural (LANGACKER, 2008, 2013). Assim como qualquer atividade complexa (como jogar futebol, consertar um carro, etc.), falar se vale de uma ampla variedade de recursos e requer um conjunto elaborado de habilidades tanto gerais quanto específicas. As habilidades mais específicas dizem respeito aos padrões recorrentes da atividade, que surgem com robustez crescente à medida que o indivíduo a desenvolve e a aprimora (LANGACKER, 2008, 2013). Dentre esses padrões, podem-se destacar aqueles que os indivíduos reificam e identificam como unidades de uma língua.

Em diferentes graus, estes padrões de processamento neural têm se aglutinado como rotinas cognitivas entrincheiradas que podem ser ativadas sempre que necessário. Eles podem ser pensados como habilidades mentais, ou mentalmente direcionadas, empregadas em várias combinações na complexa tarefa de falar. Saber uma língua é

uma questão de controlar um vasto repertório de habilidades usadas coletivamente para falar em certos contextos socioculturais (LANGACKER, 2008, p. 217).⁹

Para Langacker (2008, 2013), a língua é uma construção mental, melhor dizendo, é o produto da idealização, da reificação e da metáfora. A construção mental de uma língua tem como base a interação social e as atitudes culturais. De acordo com o linguista, a língua é aprendida por intermédio de seu uso interativo em contextos sociais. Em vista disso, seu surgimento, proveniente do uso e da interação social, é visto como um fator crucial para a descrição linguística da estrutura. É essencial lembrar que, na perspectiva langackeriana, a língua consiste em padrões convencionais de uso. Logo, estes padrões, os quais são aprendidos a partir de incontáveis instâncias de uso em contextos discursivos, são subsequentemente aplicados na produção e na compreensão de discursos.

Langacker (2001, 2008, 2012, 2013, 2015 [2010]) defende que o discurso se compõe de uma série de eventos de uso, no qual o falante exerce alguma influência sobre o interlocutor real ou imaginário. Em outras palavras, o discurso é formado por instâncias de uso da língua em toda sua complexidade e especificidade. Dado que o evento de uso não possui tamanho específico, é possível segmentar um discurso em palavras, sentenças, grupos entoacionais, turnos conversacionais, e, assim por diante. É interessante destacar que as expressões componente não podem ser compreendidas de forma isolada, porém em relação umas com as outras. Em outros termos, qualquer faceta de um evento de uso, que compõe um discurso, está suscetível de ser abstraída ou convencionalizada como uma unidade.

Ao levar em consideração tais aspectos, um evento é entendido como bipolar no sentido de que é formado pela conceptualização e por meios de expressão. No que tange à primeira, esta corresponde ao entendimento contextual completo da expressão, não só do que é dito, mas também do que é inferido. Se fosse examinado minuciosamente, seria possível notar que um evento de uso nunca é idêntico para emissor e seu endereçado, pois uma expressão é produzida e entendida com relação

⁹ Tradução da autora para: "To different degrees, these patterns of neural processing have coalesced as entrenched cognitive routines that can be activated whenever needed. They might be thought of as mental or mentally directed skills employed in various combinations in the complex task of talking. Knowing a language is a matter of controlling a vast repertoire of skills collectively used for talking in certain sociocultural contexts".

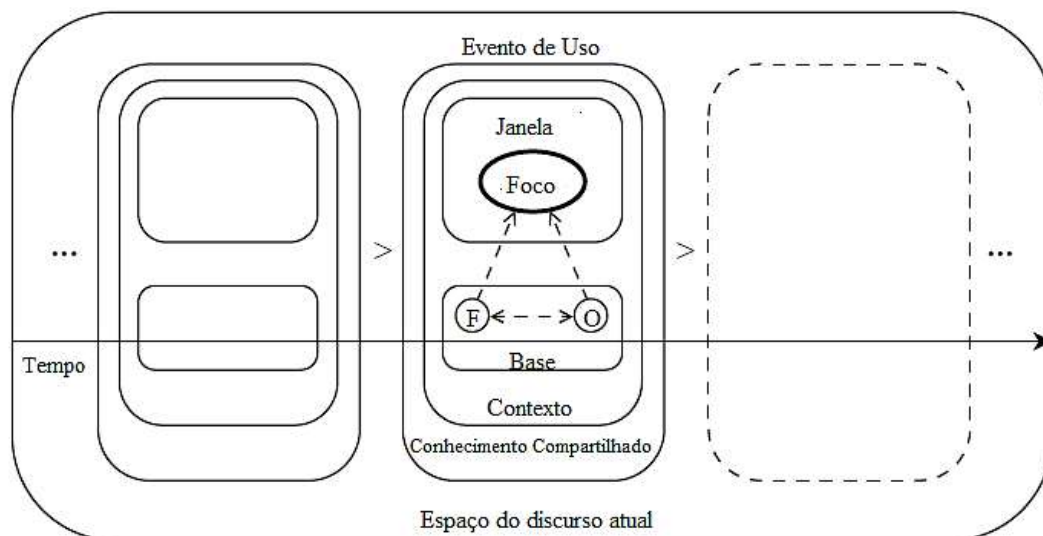
a um contexto discursivo pressuposto que modela e sustenta a sua interpretação (LANGACKER, 2001, 2008). Quanto ao segundo, isso inclui os detalhes fonéticos completos de um enunciado e outros tipos de sinais, como gestos e linguagem corporal. Conforme afirma Langacker (2008, p. 457), “o discurso está onde a estrutura, o uso e aquisição se unem. A língua é aprendida através de seu uso interativo em contextos sociais. Sua emergência do uso e da interação social é, portanto, o fator primordial para a descrição da estrutura linguística”¹⁰.

Por se tratar de entidades abstratas extraídas de eventos de uso, as unidades linguísticas convencionais são invocadas para formar e avaliar expressões subsequentes. Todavia, é importante assinalar que elas também podem ser concebidas como ações, ou melhor, padrões entricheirados de atividade de processamento, que podem ser requisitados e executados sempre que necessário. Isto demonstra que aprender uma língua consiste em aprender a desempenhar tais ações apropriadamente, isto é, saber uma língua é ser capaz de recrutar tais habilidades ao falar e entender (LANGACKER, 2008). Cabe enfatizar ainda que essa aprendizagem da língua surge a partir da perspectiva de ambos, o falante e o ouvinte (endereçado).

No caso de um som da fala, por exemplo, um indivíduo aprende tanto a articular quanto a perceber tal som (LANGACKER, 2009). Na visão langackeriana, aquilo que os linguistas frequentemente chamam de “conhecimento linguístico” nada mais é do que “habilidade linguística”. Na **Figura 4**, apresenta-se a configuração da estrutura do discurso na perspectiva da Gramática Cognitiva:

Figura 4. Estrutura do discurso.

¹⁰ Tradução da autora para: “discourse is where structure, use, and acquisition come together. Language is learned through its interactive use in social contexts. Its emergence from usage and social interaction is thus a key factor in describing linguistic structure”.



Fonte: Langacker (2012, p. 96).

Nesta organização, o espaço discursivo atual diz respeito a um espaço mental abrangendo os elementos e as relações construídas a fim de serem compartilhados entre o falante e o ouvinte (ou endereçado) como uma espécie de base para a comunicação, em um dado instante, no fluxo do discurso. É fundamental lembrar que um evento de uso é uma instância de uso da língua, que produz uma expressão de qualquer tamanho (palavra, frase, sentença ou oração). Portanto, sua produção envolve o falante (F) e o ouvinte (O) compreendendo (--->) o conteúdo semântico e fonológico, que emerge através da “janela” de atenção, juntamente com o direcionamento e a focalização dessa atenção com relação a alguma faceta dessa produção.

A base, por seu turno, abarca o evento da fala, os interlocutores, a interação e as circunstâncias imediatas, que correspondem ao tempo e ao local da fala. Cabe frisar ainda que a base e o espaço discursivo atual encontram-se entre os domínios cognitivos capazes de serem invocados como base conceptual para os significados dos elementos linguísticos (LANGACKER, 2001). Com isso, percebe-se que o evento de uso se trata de uma ação realizada pelo falante e pelo ouvinte. O falante atua na tomada de iniciativa, enquanto o ouvinte, no papel de responsivo. Todavia, é preciso mencionar que independentemente de o papel assumido ser ativo ou reativo, ambos terão de lidar com a conceptualização e a expressão (ou vocalização), pois estes são os dois polos básicos da enunciação. Durante a interação comunicativa surge a

necessidade de se estabelecer uma coordenação conceitual, porque os interlocutores estão conceptualizando o “mesmo mundo”; embora cada um interprete o discurso de uma forma um pouco diferente e a partir de seu próprio ponto de vista. Para que a comunicação se torne bem-sucedida, os interlocutores precisam, nesta conjuntura, buscar meios para assegurar que o foco de atenção seja direcionado para a mesma entidade concebida (LANGACKER, 2001, 2007b). Langacker (2001, p. 144-145) assevera que

[t]emos um campo visual limitado, absorvendo apenas o suficiente do mundo em um dado instante. Analogamente, temos um “campo conceitual” limitado, delimitando o quanto podemos conceptualizar ou ter em mente em um determinado instante. Metaforicamente, é como se estivéssemos “olhando” o mundo através de uma janela ou *quadro de visualização*. O *escopo imediato* de nossa concepção, em um certo momento, é limitado ao que aparece neste quadro, e o *foco* de atenção – o que uma expressão descreve (ou seja, designa) - está incluído neste escopo.¹¹

Quanto aos polos básicos da enunciação, a conceptualização e a expressão, salienta-se que o conteúdo compreendido pelos interlocutores se desdobra em múltiplos canais, conforme mostra a **Figura 5** a seguir. Apesar de exibirem uma dada independência, esses canais interagem de forma complexa. A estrutura semântica abarca qualquer canal de conceptualização e a estrutura fonológica, qualquer canal de expressão. Para a Gramática Cognitiva, o conteúdo de qualquer um destes canais pode ser descrito através de relações simbólicas.

Figura 5. Estrutura dos canais de conceptualização e expressão.

¹¹ Tradução da autora para: “We have a limited visual field, taking in only so much of the world at any given instant. Analogously, we have a limited “conceptual field”, delimiting how much we can conceptualize or hold in mind at any given instant. Metaphorically, it is as if we are “looking at” the world through a window, or *viewing frame*. The *immediate scope* of our conception at any one moment is limited to what appears in this frame, and the *focus* of attention – what an expression *profiles* (i.e. designates) – is included in that scope”.



Fonte: Langacker (2012, p. 97).

Nesta configuração, os canais de conceptualização e de expressão (ou vocalização) ocorrem dentro da janela, a qual corresponde à delimitação do local geral da atenção. Dentre os canais da conceptualização, estão a situação objetiva, a estrutura de informação e a administração da fala. Nesse polo, o primeiro canal é concebido, em termos gerais, como algo mais substancial e concreto de modo a encontrar-se mais no centro de nossa atenção quando em comparação com os demais canais. O segundo canal, por sua vez, contém fatores como ênfase, tópico discursivo e o *status* da informação (informação dada versus informação nova). Já o terceiro canal refere-se à tomada, manutenção e sucessão do turno da fala.

Com relação ao polo da expressão, o conteúdo segmental é considerado o mais saliente dentre os demais canais. É interessante apontar que este polo também abrange a prosódia (acento e entonação) e os gestos (movimentos das mãos e do corpo) do falante. No entanto, Langacker (2001) declara que o gesto não é simplesmente uma faceta da vocalização, ele também faz parte do conteúdo conceptual da expressão por poder ser interpretado como uma parte essencial deste significado conceptual. Por conta disso, é aceitável afirmar que as duas facetas globais de um evento de uso são a expressão e a conceptualização. Assim sendo, estas últimas correspondem, respectivamente, às duas facetas globais das estruturas linguísticas, a saber, o polo fonológico e o polo semântico. Segundo Langacker (2007a, p. 426-427):

Interpretado de forma ampla, o polo fonológico de uma unidade compreende todos os canais de expressão. Interpretado de modo mais restrito, o polo fonológico limita-se aos canais expressivos, nos quais uma especificação significativa é feita. O polo semântico de uma unidade também pode ser definido de forma restrita ou ampla. Definido de forma restrita, seu polo semântico consiste em canais centrais e significativamente específicos de conceptualização. Concebido de maneira mais ampla, no entanto, o polo semântico inclui todos os setores da figura 17.1¹², independentemente da especificidade. É ainda considerado como incluindo os canais de expressão com base no fato de que estes também são apreendidos e por várias razões são vantajosamente tratados como facetas da conceptualização.¹³

Isso possibilita, em linhas gerais, depreender que o modelo langackeriano toma como base a existência de apenas três tipos básicos de unidades (semântica, fonológica e a simbólica), as quais são consideradas suficientes para desenvolver uma análise linguística conforme prevê o princípio denominado requisito de conteúdo. As estruturas semânticas são aquelas que só exibem um polo semântico e as estruturas fonológicas, somente um polo fonológico; ao passo que a unidade simbólica corresponde à ligação simbólica entre esses dois polos. A Gramática Cognitiva assume que as unidades linguísticas são abstraídas de eventos de uso e que as expressões formadas a partir desse mecanismo viabilizam a descrição da língua por intermédio de esquematizações e categorizações. Para a teoria langackeriana, o léxico e a gramática formam um *continuum*, que se compõem somente de estruturas simbólicas. O léxico é, então, entendido como um conjunto de expressões “fixas”, quer dizer, de expressões convencionais que já alcançaram o *status* de unidade linguística devido ao entrenchamento psicológico e à convencionalidade existente em uma comunidade de fala. Situação análoga acontece com as demais partes da gramática, como a morfologia, a semântica, a sintaxe e a fonologia, ou seja, todas (as partes da) expressão são formadas com base na experiência sociocultural do falante. Em razão disso, a Gramática Cognitiva é vista como um modelo baseado no uso.

¹² A Figura 17.1 corresponde à Figura 8 na presente pesquisa.

¹³ Tradução da autora para: “Interpreted broadly, a unit’s phonological pole comprises all the channels of expression. Interpreted more narrowly, the phonological pole is limited to expressive channels in which a significant specification is made. A unit’s semantic pole can likewise be defined either narrowly or broadly. Narrowly defined, its semantic pole consists of central and significantly specified channels of conceptualization. Conceived more broadly, however, the semantic pole includes all the sectors in figure 17.1, regardless of specificity. It is even taken as subsuming the channels of expression, on the grounds that these are also apprehended and for various purposes are advantageously treated as facets of conceptualization (LANGACKER, 1987a: section 2.2.1)”.

Na percepção de Langacker (2012), a língua é estruturada e dinâmica, consistindo em padrões de atividade, os quais são aprendidos, mantidos, explorados e adaptados nas instâncias reais de uso da língua. Uma vez que a interação falante-ouvinte tem um papel central no processo de comunicação, a língua passa a ser vista como cognitiva e interativa. A explicação para isso reside na questão de que a língua é aprendida e utilizada por indivíduos que compreendem expressões por meio da interação com seus interlocutores, em circunstâncias sociais. Além de cognitiva e social, a língua também é individual e intersubjetiva. Isto significa que sem a atividade cognitiva dos indivíduos, não há a interação social; conseqüentemente, sem tal interação, nem a linguagem, nem a cognição de nível mais alto podem se desenvolver (LANGACKER, 2012). É crucial esclarecer que, embora a concepção emergja na mente do indivíduo, isto não sugere que ela ocorra isoladamente, porque a concepção é moldada pela interação social de modo a servir como seu veículo primário. Em referência à língua ser intersubjetiva, isso revela que o significado depende da relação entre o falante e o ouvinte (endereçado), tendo em vista que o significado é construído a partir da interação e da experiência sociocultural de ambos.

Nesse sentido, a contribuição da teoria langackeriana reside no reconhecimento de que qualquer “pedaço de realidade” pode ser categorizado, ou melhor, conceptualizado, de diferentes maneiras dependendo do contexto, da cultura, do ponto de vista do falante e da língua que está sendo utilizada. Isto demonstra que a realidade é sempre a mesma, o que mudam são as conceptualizações sobre tal. Ademais, é válido mencionar que, através de seus trabalhos, Langacker forneceu evidências sobre a atuação das estruturas semântica e fonológica, assim como da relação de interação entre ambas no que concerne ao processo de conceptualização das unidades linguísticas. Visto que as unidades básicas de uma gramática são as estruturas semântica, fonológica e a simbólica, isso revela a existência de uma correlação entre a fonologia e os demais aspectos da estrutura gramática. Logo, pode-se depreender que a fonologia tem um papel fundamental na organização do sistema gramatical de uma língua, isto é, a fonologia faz parte da gramática de uma língua.

Isso posto, espera-se que, a partir desse artigo, a fonologia passe a receber a devida atenção por parte do meio acadêmico no tocante à aprendizagem de língua a ponto de isso resultar na realização de mais pesquisas voltadas a investigar o papel

da fonologia no ensino básico, incluindo suas contribuições e impactos, conhecimento este que pode trazer significativas contribuições ao aprimoramento das práticas e saberes docentes.

REFERÊNCIAS

- BARLOW, Michael.; KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Massachusetts: MIT Press, 1965.
- _____. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton Publishers, 1957.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald W. Cognitive grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (eds.). *The oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2007, p. 421-462.
- _____. Cognitive grammar. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (eds.). *The oxford handbook of linguistics analysis*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015[2010], p. 99-120.
- _____. *Cognitive grammar: an introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- _____. Constructions in cognitive grammar. *English Linguistics*, v. 20, n. 1, 2003, p. 41-83.
- _____. Constructing the meaning of personal pronouns. In: RADDEN, Günter; KÖPCKE, Klaus-Michael; BERG, Thomas; SIEMUND, Peter. *Aspects of meaning construction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2007b, p. 171-188.
- _____. Discourse in cognitive grammar. *Cognitive Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 143-188, 2001.
- _____. *Essentials of cognitive grammar*. New York: Oxford University Press, 2013.
- _____. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- _____. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. v. 2. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- _____. *Grammar and conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- _____. Interactive cognition: toward a unified account of structure, processing, and discourse. *International Journal of Cognitive Linguistics*, v. 3, n. 2, 2012, p. 95-125.

_____. *Investigations in cognitive grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

_____. Morphology in cognitive grammar. In: AUDRING, Jenny; MASSINI, Francesca (eds.). *The oxford handbook of morphology theory*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2019, p. 346-364.

_____. *Ten lectures on the basics of cognitive grammar*. Leiden/Boston: BRILL, 2017a.

_____. *Ten lectures on the elaboration of cognitive grammar*. Leiden: BRILL, 2017b.

_____. The symbolic alternative. In: KARDELA, Henryk; PERSSON, Gunnar (eds.). *New trends in semantics and lexicography*. Umeå: Swedish Science Press, 1995, p. 89-118.

_____. Toward a coherent and comprehensive linguistic theory. In: RUDZKA-OSTYN, Brygida (eds.). *Topics in cognitive linguistics*. John Benjamins Publishing, 1988, p. 2-164.

SILVA, Augusto Soares da; BATORÉO, Hanna Jakubowicz. Gramática cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: BRITO, Ana Maria (org.). *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Universidade do Porto, 2010, p. 229-251.

TAYLOR, John R. *Cognitive grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Recebido em: 23/05/2020

Aceito em: 07/10/2020